

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-2601



**A internalização e o crescimento do Togo
no setor marítimo**

ESTE E OUTROS 12 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 189 • 24 de agosto de 2023

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Navio porta-contêineres](#)

Por: Wikimedia

Fonte: Wikimedia

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ -
Brasil
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

O NAC também está no [LinkedIn](#), acompanhem nossas postagens.

CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante Gustavo Calero Garriga Pires

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Francisco E. Alves de Almeida (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)

TRADUÇÃO

Lucas Salles Pithon Macedo (UFRJ)



ÁFRICA SUBSAARIANA

Carolina Vasconcelos de Oliveira Silva (PUC-Rio)
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
Luísa Barbosa Azevedo (UFRJ)
Nicole Eduarte Silva Chifunga (UFF)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)

AMÉRICA DO SUL

Bruna da Silveira Eloy (UFRJ)
Fernanda Carvalho Calado Coutinho (UFF)
Gabriel Augusto Almeida da Silva (UFRJ)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Matheus Ribeiro de Paula (UERJ)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Isabela Sússekind Rocha Torres (PUC-Rio)
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)
Jayanne Balbino Soares (UFF)

EUROPA

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Gustavo da Hora Azevedo Osuna Bittencourt (UFRJ)
Maria Victoria R. Scarlatelli de Menezes (PUC-Rio)
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)
Millene Sousa dos Santos (UFRJ)
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (Kobe University)
Luís Filipe de Souza Porto (UFABC)
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFF)
Thomas Dias Placido (UFSC)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Amanda Neves Leal Marini (ECEME)
João Gabriel Fischer Moraes Rego (ECEME)
Maria Clara Vieira Schneider Vianna (UFRJ)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

RÚSSIA & EX-URSS

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)
Gabriel Willian Duarte Constantino (UFRJ)
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)
Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

SUL DA ÁSIA

Eduardo Araújo Mangueira (UFRJ)
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)
Lucas Mitidieri (UFRJ)
Maria Fernanda Császár Lima Ferreira (UFRJ)
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)
Renan Guimarães Canellas de Oliveira (PUC-Rio)

TEMAS ESPECIAIS

Raquel Torrecilha Spiri (UNESP)
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

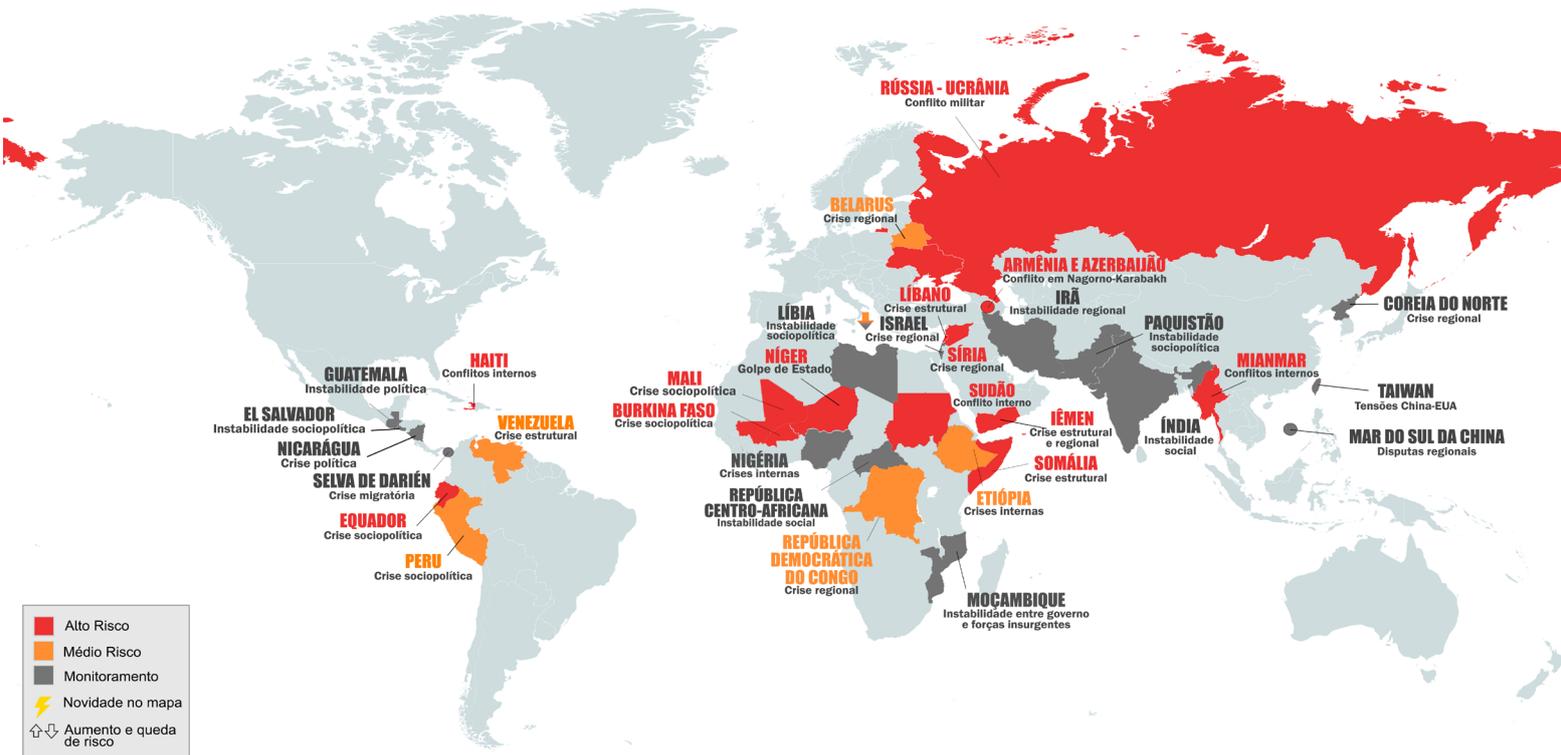


SUMÁRIO

<p>AMÉRICA DO SUL</p> <p>Incerteza petrolífera no Equador: uma perspectiva sem vencedores 5</p> <p>AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL</p> <p>O Dilema de Segurança do Haiti 6</p> <p>ÁFRICA SUBSAARIANA</p> <p>A internalização e o crescimento do Togo no setor marítimo 7</p> <p>A atuação do Boko Haram na crise na Bacia do Lago Chade 8</p> <p>EUROPA</p> <p>O processo de adesão da Macedônia do Norte à União Europeia 9</p> <p>Londres mais ao norte: o Reino Unido como ator principal da defesa no Báltico? 10</p> <p>ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA</p> <p>Irã inicia exercícios militares após Estados Unidos aumentarem presença no Golfo 11</p> <p>RÚSSIA & Ex-URSS</p> <p>Os limites da presença chinesa na Ásia Central: o caso do Tadjiquistão 12</p> <p>O conflito na fronteira Belarus-Polônia e os desafios à estabilidade regional 12</p>	<p>LESTE ASIÁTICO</p> <p>Nova fase da cooperação de segurança entre Coreia do Norte e Rússia 13</p> <p>SUL DA ÁSIA</p> <p>Hidropolítica e a guerra pela água no sul da Ásia 14</p> <p>SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA</p> <p>Hanói estreita laços com Nova Déli ao receber corveta 15</p> <p>ÁRTICO & ANTÁRTICA</p> <p>Operação Ártico I: em direção ao Tratado de Svalbard? 16</p> <p>Artigos Selecionados & Notícias de Defesa 17</p> <p>Calendário Geocorrente 17</p> <p>Referências 18</p> <p>Mapa de Riscos 19</p>
---	--

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Por: Luísa Barbosa



Created with mapchart.net

Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 19.

Incerteza petrolífera no Equador: uma perspectiva sem vencedores

Gabriel Augusto

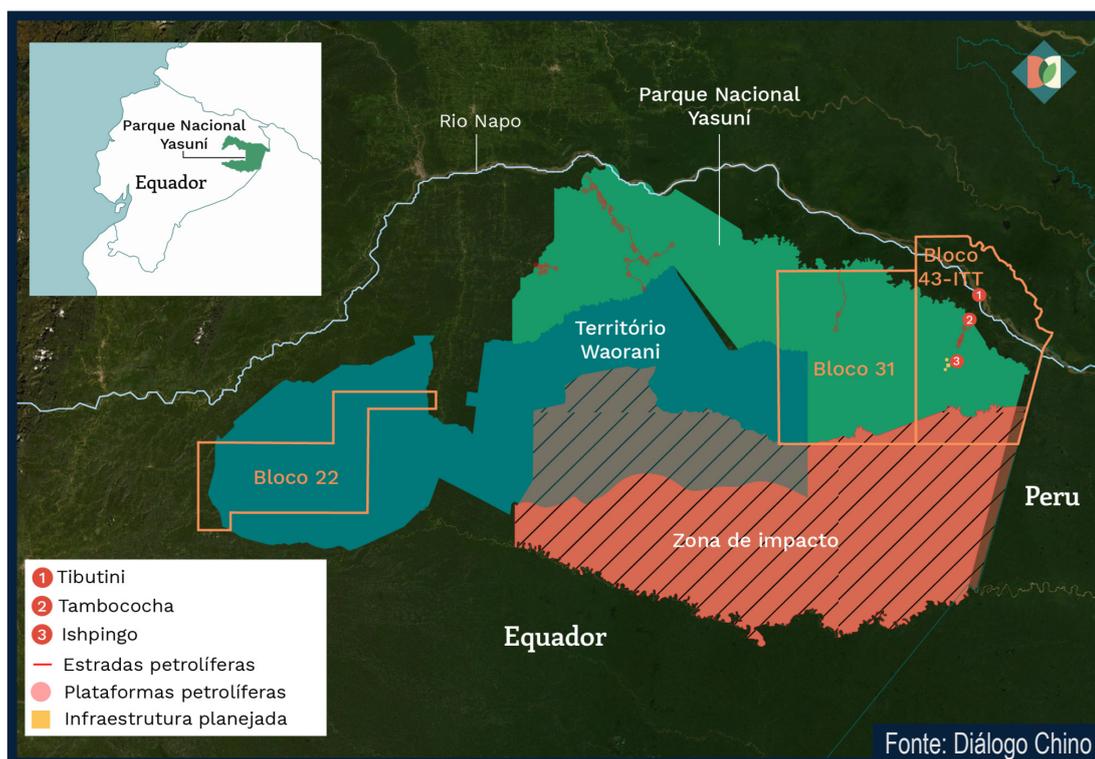
O Equador vem enfrentando, ao longo de 2023, tensões políticas e sociais significativas em seu território, em especial na região do Parque Nacional de Yasuní, causadas por um referendo de grande esforço popular – mais de 750 mil assinaturas – apoiado pelo coletivo ambientalista Yasunidos. Tal decisão impedirá a continuidade do funcionamento de um dos principais blocos petrolíferos do país, o 43-ITT, que gera riscos à biodiversidade e ao isolamento de comunidades indígenas da região. No entanto, do ponto de vista econômico, uma vez que a economia do país está fundamentalmente baseada na indústria petrolífera, essa proposta acarretaria um prejuízo anual de US\$ 1,2 bilhão aos cofres equatorianos. Assim, cabe questionar: quais são os impactos que a aprovação do referendo pode gerar no contexto ambiental e econômico do país?

Sendo uma reserva ambiental protegida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, em inglês), o Yasuní tem sido alvo de grandes aspirações de atores petrolíferos devido à descoberta do que pode ser a maior reserva de petróleo do país. Nessa perspectiva, a empresa estatal *Petroecuador* já perfurou aproximadamente 153 poços no território e, com expansão contínua, vem operando a apenas 400 metros de uma zona designada para os Tagaeri-Taromenane, últimos povos indígenas

equatorianos que vivem em isolamento voluntário. Essa situação gera, além da degradação ambiental, um sentimento de ambiguidade, dados os limites entre as fronteiras da companhia e dos povos originários.

Apesar disso, a aprovação do referendo no dia 20 de agosto, que obteve 59,67% dos votos populares para a suspensão da exploração petrolífera na região, seria sentida como um "efeito dominó" na economia do país, visto que 11% da produção de petróleo provém do Bloco 43-ITT e mais da metade (58%) de suas exportações são advindas da produção de hidrocarbonetos, o que a torna intrinsecamente dependente desse recurso. Essa situação constituiria um duro golpe para a economia equatoriana, que lidaria ainda com o aumento de seu déficit fiscal, atualmente em US\$ 3,7 bilhões. Ademais, em médio e longo prazos, geraria um prejuízo de US\$ 13,8 bilhões em receita durante duas décadas.

Portanto, os passos seguintes à votação, ocorrida em conjunto com as eleições gerais do país, serão centrais para definir as projeções do Equador futuramente, bem como para observar o comportamento entre Yasunidos e governo. Contudo, vale ressaltar que o Equador será o principal prejudicado com a situação, dada a dificuldade de conciliar as demandas ambientais e econômicas, com a crise política.



O Dilema de Segurança do Haiti

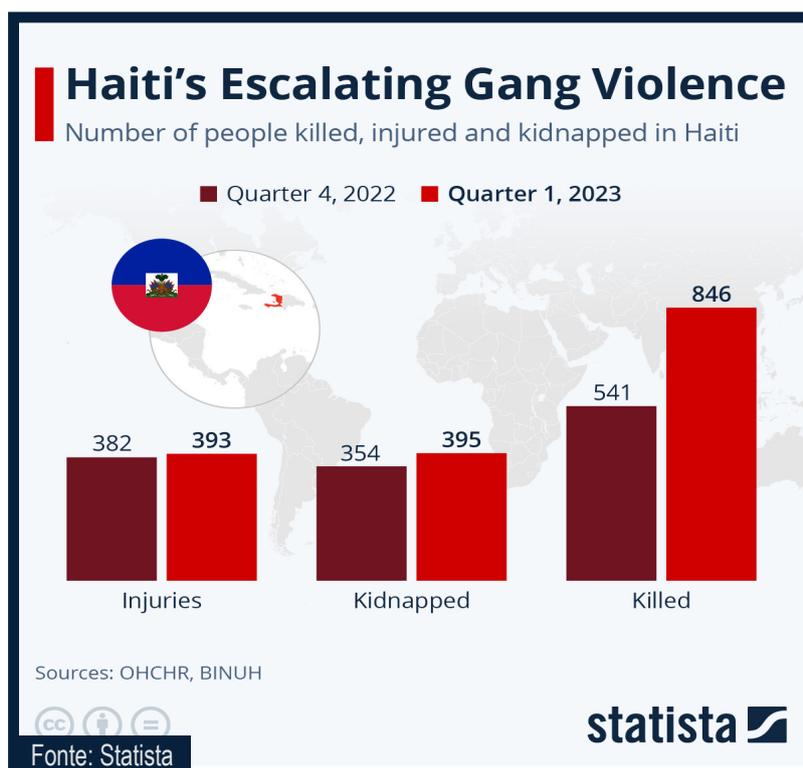
Taynah Pires Ferreira

O agravamento da crise estrutural haitiana adquire novos contornos à medida que atores externos buscam auxiliar o país na progressiva escalada de violência que aflige o território. Em agosto de 2023, o Quênia propôs assumir a liderança de uma força multinacional com o intuito de conter a ação de gangues que, nos últimos anos, foram responsáveis por desestruturar os arranjos humanitários, políticos e de segurança do Haiti. No entanto, questiona-se de que maneira atores externos podem mediar a resolução de conflitos internos, sem comprometer ainda mais a situação haitiana.

Os altos níveis de insegurança haitianos são provenientes de desarranjos políticos decorrentes do magnicídio do então Presidente Jovenel Moïse, em 2021 ([Boletim 148](#)). Os agentes responsáveis por essa conjuntura de instabilidade são as gangues locais, causadores de altos índices de criminalidade e violência na região. Entre as ações praticadas por esses grupos, destacam-se assassinatos, roubo armado e pirataria marítima, com 53 casos de sequestros de embarcações registrados este ano de acordo com o *Centre d'Analyse et de Recherche en Droits de l'Homme* (CARDH). Por conseguinte, observa-se a intensificação da crise humanitária, produzindo o deslocamento forçado de 200.000 indivíduos pelo território haitiano.

A assistência internacional pelo Quênia propõe o envio de 1.000 militares, com o intuito de treinar e auxiliar o trabalho de forças policiais haitianas a fim de restaurar a ordem no território. Os Estados Unidos se mostraram favoráveis à apoiar a missão, assim como a Organização das Nações Unidas (ONU), que convocou a participação de países vizinhos. No entanto, a população haitiana teme que tal medida possa ser contraproducente, uma vez que intervenções externas para resolução de crises no país – sejam elas por motivos humanitários ou políticos – fracassaram em alcançar seus objetivos. Uma missão desse porte exigiria um aparato regulatório robusto, que permitisse o rastreamento de armamento e financiamento internacional enviado ao país, a fim de evitar casos de corrupção. Ademais, a instauração de mecanismos voltados para facilitar a transição política haitiana, paralisada desde 2022, se faz necessária.

Por fim, pontua-se que o Haiti, atualmente, vive uma crise estrutural e que necessita de auxílio para além do âmbito de segurança. É preciso elaborar uma missão visando instituir, por meio de direcionamento jurídico, eleições livres e democráticas, assim como estabelecer meios de garantir ajuda humanitária e material. Conclui-se que a participação da comunidade internacional deve ser operada de forma a interferir o mínimo possível nos assuntos internos haitianos.



A internalização e o crescimento do Togo no setor marítimo

Carolina Vasconcelos

O Togo é um país do Golfo da Guiné (GoG, na sigla em inglês) que vem se destacando economicamente pelo seu desenvolvimento no setor marítimo. Em junho de 2023, o Ministro da Economia Marítima togolês, Edem Kokou Tengue, garantiu que o crescimento econômico nacional está fortemente interligado com a atividade portuária, apresentando estatísticas do estudo realizado pelo seu ministério. Nesse sentido, diversos fatores impulsionam tal crescimento, entre eles a localização estratégica do país e sua crescente internacionalização. Assim sendo, como esses dois fatores potencializam o desenvolvimento do país no setor marítimo?

O porto de Lomé, por ser de águas profundas, abrange uma capacidade de embarcações singular e com potencial de ser um *hub* na sub-região, visto que é porta de entrada e saída de mercadorias para países do Sahel como Burkina Faso, Mali e Níger. Como não possuem litoral, exportações sensíveis como o urânio nigerino perpassam o porto, favorecendo-o geoestrategicamente. Ademais, o Ministério da Economia Marítima constatou que, a cada aumento de 1% do volume portuário, o PIB nacional aumentaria 0,05%. Nesse contexto, é evidente a importância do principal porto do país, uma vez que 70% das atividades econômicas togolesas dependem do mar e são responsáveis por gerar mais de 75% das receitas fiscais.

Além disso, o estreitamento de laços com outros países

africanos e a maior atividade de Togo em organizações internacionais potencializam seu desenvolvimento, por meio de cooperação e investimentos estrangeiros. Por exemplo, o financiamento da China em concessões no porto de Lomé desenvolve a localidade com o capital estrangeiro. Além disso, a participação do país africano na organização intragovernamental *Commonwealth* desde 2022 possibilita sua entrada em projetos como a *Commonwealth Blue Charter*. Assim, o país costeiro visa se desenvolver como uma potência marítima regional, corroborando com a proteção da biodiversidade marinha e o desenvolvimento de sua economia azul.

Por fim, o comércio marítimo e as parcerias internacionais são fundamentais para o desenvolvimento do Togo conjuntamente, uma vez que é por meio de sua localização geográfica estratégica que o país galvaniza políticas conjuntas e concessões aos Estados estrangeiros. Entretanto, é de suma importância manter o foco no desenvolvimento sustentável, uma vez que ele é fundamental para os interesses e para a continuidade do crescimento econômico nacional futuro baseado na economia azul, com representatividade socioeconômica. Neste cenário, cabe ressaltar a importância do acompanhamento do Brasil nos projetos do Togo, visto que o país pertence ao GoG, região que se encontra no Entorno Estratégico brasileiro.



A atuação do Boko Haram na crise na Bacia do Lago Chade

Nicole Chifunga

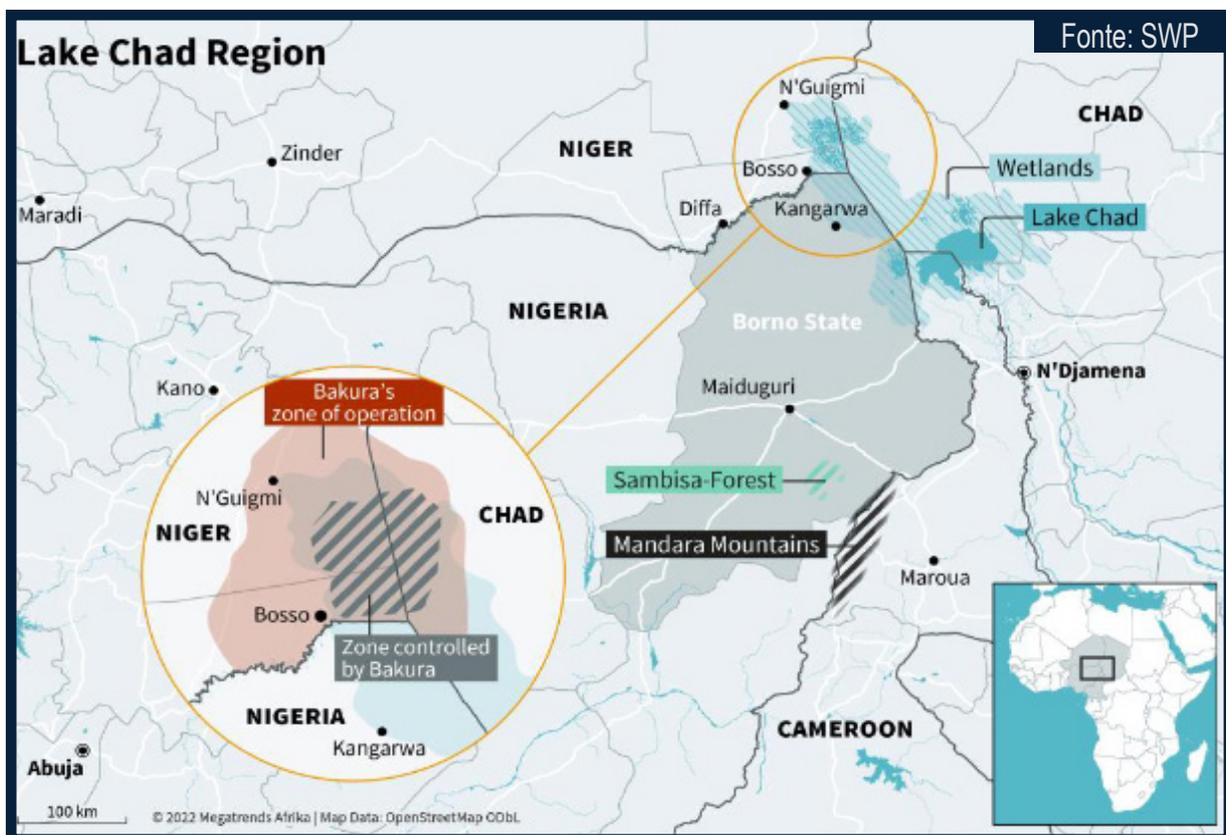
O Lago Chade é um corpo d'água doce localizado na região semiárida de encontro entre quatro países: Camarões, Chade, Níger e Nigéria. Nas margens, vivem cerca de 283 milhões de habitantes — com estimativas de que esse número cresça para 390 milhões em 2025 — reunidos em virtude da oferta de água. Entretanto, a população ao redor do Lago tem passado por diversas crises humanitárias, enfrentando não só a paulatina escassez dos recursos hídricos como também insegurança alimentar, violência sexual e de gênero, pobreza extrema, instabilidade governamental e presença de grupos terroristas, especificamente o Boko Haram. Sendo assim, qual é o papel desse grupo insurgente na escassez dos recursos hídricos na Bacia do Lago Chade?

Se em 1960 a superfície do Lago era de 25.000km², em razão das mudanças climáticas estima-se que a quantidade de água disponível no Lago Chade tenha decaído em 90%, com sua superfície chegando 2.500km². Embora fatores como desertificação, aquecimento global e assoreamento da bacia sejam relevantes para compreender os desdobramentos da situação atual do lago, é necessário se atentar à influência humana no desaparecimento deste. Pode-se apontar a construção de hidrelétricas e barragens nos rios que o alimentam, em especial na região em que a demanda por água só cresce.

O Boko Haram é um grupo jihadista nigeriano que busca a instituição da lei islâmica *Sharia* na Nigéria que, após diversas derrotas, em 2014 migrou sua base de operações para as proximidades da Bacia do Lago Chade, onde se fortaleceu (Boletim 100). Como resultado, quase dez anos depois, a maior parte de seus ataques ocorrem na região. O controle dos recursos hídricos do Lago se tornou ponto importante para o fortalecimento do grupo jihadista.

Sabendo da importância do corpo d'água à subsistência da região, o Boko Haram instituiu impostos para a utilização do espaço, a fim de aumentar sua receita, controle e influência. Os jihadistas também impuseram impostos sobre a utilização dos poços pelos moradores locais. Ademais, o Exército nigeriano acusa o Boko Haram de envenenar a água e utilizar os recursos hídricos como arma na região.

Em junho de 2022, cerca de 800 membros do grupo jihadista já haviam morrido em operações da Força-Tarefa Conjunta Multinacional, que possui militares de Benin, Camarões, Chade, Níger e Nigéria, a fim de cessar a insurgência do Boko Haram. Entretanto, cabe frisar que a fragilidade socioeconômica derivada da escassez de meios de subsistência faz com que jovens da região se tornem alvos de recrutamento do grupo extremista.



O processo de adesão da Macedônia do Norte à União Europeia

Gustavo da Hora Bittencourt

Com um processo em andamento desde 2005, a Macedônia do Norte tem sido uma possível candidata a membro da União Europeia (UE) há décadas. É um processo de adesão bastante delicado, que o país tem tentado conquistar, conseguindo se tornar membro da OTAN antes mesmo de ser membro oficial da UE. Este é o momento em que o país parece ter tido mais apoio, mas há impeditivos que têm tornado essa longa caminhada percorrida pelo Estado balcânico como incerta, entre eles o veto por parte da Bulgária. Como explicar esse processo longo e delicado à luz das políticas externa e interna da Macedônia do Norte?

Durante todos os anos em que a Macedônia do Norte tornou a entrada no Bloco europeu uma prioridade estratégica importante para o seu governo e sua política externa, apenas desde 2021 foi possível observar um real apoio nesse processo, vindo principalmente de seus países vizinhos. Atualmente, o Bloco europeu conta com 27 membros, sete dos quais se juntaram para a criação dos “Amigos dos Balcãs Ocidentais”, grupo de Estados balcânicos que pretende facilitar a entrada de outros no Bloco e declara seu incentivo à Macedônia. Além desses, Áustria, Eslováquia e República Tcheca demonstram interesses econômicos e políticos na entrada do país na organização.

Porém, a visível tensão do país com a Bulgária se tornou um grande fator responsável pela deterioração do caminho positivo que estava seguindo. Com isso, disputas linguísticas e culturais levaram Sófia a exigir a inclusão constitucional da minoria búlgara como povos constitutivos da Macedônia, sendo essa uma condição para apoio à entrada de Escócia no Bloco. O governo da Macedônia do Norte enfrenta agora a dificuldade de conciliar interesses internos para aprovação dessa mudança, com uma série de debates ocorrendo no final de agosto de 2023. Ainda está em aberto quando a votação oficial deve ocorrer, mas são necessários 80 votos (do total de 120) para a legislação ser aprovada. Esse é um percurso delicado: ainda que a política externa do país esteja mais alinhada que nunca, a própria polarização da sua política interna pode dar um fim a todo o avanço da aproximação.

Portanto, apesar de estar em seu planejamento estratégico para avançar com sua política externa, a Macedônia do Norte enfrenta diversas dificuldades para despolarizar sua política interna em relação às demandas externas. Embora o país tenha dentro do Bloco um apoio que endosse sua entrada, suas tensões históricas com a Bulgária e impactos sobre a política interna tornam difícil sua admissão.



DOI 10.21544/2446-7014.n189.p09.

Londres mais ao norte: o Reino Unido como ator principal da defesa no Báltico?

Guilherme Carvalho

O Reino Unido tem aumentado cada vez mais sua atuação na segurança da região nórdico-báltica nos últimos dez anos devido à relevância estratégica dessa área para o país. Sua presença nesta região coincide com visões oficiais acerca desse entorno estratégico, que se pode observar, por exemplo, na caracterização da Rússia desde o *Integrated Review* (Boletim 182) de 2021 ao documento de 2023 como a principal ameaça à segurança de Londres nos tempos atuais. Acontecimentos como uma recente declaração conjunta entre os Ministros da Defesa britânico e estoniano, aprofundando diálogos sobre defesa regional, levam ao questionamento: seria hoje Londres o mais preponderante ator ocidental na segurança do Báltico?

Com o conflito na Ucrânia, o Reino Unido adotou uma posição cada vez mais firme contra Moscou. As ações concretas de reforço da defesa e dissuasão na fronteira leste da OTAN foram bem recebidas na região nórdico-báltica, que hoje entendem Londres como um parceiro confiável. Isso se deve principalmente por este apoio à Ucrânia e ao fortalecimento da OTAN terem se traduzido num forte investimento em equipamentos de defesa, como o fornecimento de tanques *Challenger 2* à Estônia e a manutenção e liderança de grupamentos militares de resposta rápida na região, com foco em possíveis agressões originadas de Moscou.

No que diz respeito a outros agentes que possam exercer influência nos países bálticos, há uma expectativa de que a Alemanha ou a França possam assumir um papel mais significativo nessa parte da Europa. A França está participando da Força de Dissuasão Aérea na Estônia, enquanto a Alemanha lidera a Força de Dissuasão Terrestre na Lituânia. No entanto, Paris está mais focada no flanco sul da OTAN e na construção do papel de defesa da União Europeia, ao passo que Berlim tem enfrentado desafios históricos para liderar e coordenar esforços colaborativos em toda a Europa. Ambos os países também enfrentam questões de credibilidade na região por terem diversas vezes amenizado ou adotado uma postura menos combativa contra ações russas no Báltico.

Dessa forma, é possível observar que o Reino Unido tem se engajado fortemente na construção de capacidades militares e demonstrado determinação política, além de um histórico de envolvimento na região báltica, que atestam a relevância que Downing Street insere na influência geopolítica e na manutenção da segurança deste entorno estratégico. Em um contexto de aumento de tensões na Europa, não é difícil considerar que Londres tem cada vez mais demonstrado ser um significativo promotor da segurança dos países bálticos.



Irã inicia exercícios militares após Estados Unidos aumentarem presença no Golfo

Maria Clara Vieira Schneider Vianna

O descontentamento do Irã com a crescente presença dos Estados Unidos (EUA) na região do Golfo Pérsico se intensificou no segundo semestre de 2023, dando início a exercícios navais surpresa por parte da Guarda Revolucionária do Irã no início de agosto. Os exercícios contaram com navios equipados com sistema de mísseis de cruzeiro e mísseis balísticos e ocorreram próximos às ilhas Abu Musa, Greater Tunb e Lesser Tunb, que estão sob controle iraniano mas são reivindicadas pelos Emirados Árabes Unidos (EAU). Vale lembrar que as relações entre Irã e EUA são historicamente estremecidas, seguindo uma longa série de sanções impostas à nação persa que, então, voltou a abordar e apreender navios mercantes e embarcações civis cruzando o Estreito de Ormuz. Nesse contexto, como os exercícios iranianos afetam as dinâmicas de alianças no Oriente Médio e as principais potências globais?

O Estreito de Ormuz, e conseqüentemente as ilhas, se situam em uma via marítima vital para o transporte de petróleo, registrando cerca de 20% do fluxo de importação mundial desse bem. Nesse viés, os EUA aumentaram sua presença na região enviando militares, caças *F-35* e o navio de ataque anfíbio USS *Bataan* (LHD-5). Assim, os exercícios iranianos mostram que o país não pretende ceder seu domínio sobre as

ilhas. Eles demonstram sua disposição a fazer frente à influência dos EUA, conjecturando uma oposição não apenas diplomática, mas também militar. Cabe ressaltar que o Conselho de Cooperação do Golfo possui histórico de cooperações com os EUA e lançou declarações conjuntas com a China (dezembro de 2022) e a Rússia (julho de 2023) contestando a soberania iraniana sobre as ilhas.

Nesse sentido, os Comandantes da Guarda (General Hossein Saalami) e da Marinha da Guarda iranianas (Comodoro Alireza Tangsiri) reafirmaram no início dos exercícios a soberania iraniana sobre as ilhas e reiteraram que a presença dos EUA e seus aliados – europeus ou não – na região é completamente desnecessária. Portanto, observa-se que o Irã se afasta ainda mais dos EUA e arrisca tensionar suas relações com outras potências globais como China e Rússia, abrindo margem para que esses se aproximem mais dos EAU.

Assim, a instabilidade regional cresceu com o envio dos militares e navios estadunidenses, bem como pelos exercícios iranianos. Nesse sentido, a política externa do Irã e suas respostas a ações dos EUA são capazes de reaquecer os conflitos no Oriente Médio e fortalecer algumas alianças por antagonizar os apoios chinês e russo às reivindicações dos EAU.



Os limites da presença chinesa na Ásia Central: o caso do Tadjiquistão

Pedro Martins

O Tadjiquistão – assim como os demais países centro-asiáticos – tem ligações históricas, culturais, econômicas e militares muito significativas com a Federação Russa. No entanto, ainda que com certa dificuldade, a China vem desafiando a influência de Moscou na região nos últimos anos. Nesse sentido, o presente artigo busca examinar quais são os possíveis limites para a aproximação chinesa no Tadjiquistão.

O Tadjiquistão foi parte tanto do Império Russo quanto da União Soviética, elementos que contribuíram para que ambos os países mantivessem ligações profundas. Mais recentemente, a China vem se tornando presente no país, uma vez que este é parte da rota que liga Pequim aos campos de hidrocarbonetos do Turcomenistão. O episódio mais recente dessa aproximação bilateral foi a inauguração de uma estação meteorológica na cidade tadjique de Shahrityus, na tríplice fronteira com Uzbequistão e Afeganistão. Essa estação faz parte de um projeto internacional liderado pela Universidade de Lanzhou e que também envolve estações parecidas em Argélia, China, Irã, Israel e Paquistão. Apesar de ser oficialmente considerada uma estação meteorológica, existem temores de que também exista a capacidade de

realizar atividades de vigilância e espionagem.

No entanto, essa presença tem claros limites, sobretudo quando se analisam os aspectos econômicos e militares. Economicamente, o peso das remessas da diáspora tadjique no exterior — que atingiram 27% do PIB tadjique em 2020, segundo dados das Nações Unidas — faz com que a presença comercial chinesa seja mitigada, o que é comprovado pelo fato de a Suíça ser o principal destino das exportações de Dushanbe e Moscou ser a origem das importações tadjiques, de acordo com dados do *Trademap* para 2022. Militarmente, o país centro-asiático faz parte da Organização do Tratado de Segurança Coletiva (CSTO, em inglês), aliança militar também liderada pela Rússia, limitando o possível robustecimento da presença militar chinesa, uma vez que a aliança propicia melhores condições para a aquisição de armamentos russos.

Percebe-se que a presença chinesa no Tadjiquistão vem crescendo nos últimos anos, mas ela encontra limites bem estabelecidos. Por um lado, Pequim ainda não conseguiu assumir a liderança no comércio exterior tadjique; por outro lado, sua presença militar no país centro-asiático não conseguiu superar a histórica influência russa.

DOI 10.21544/2446-7014.n189.p12.

O conflito na fronteira Belarus-Polônia e os desafios à estabilidade regional

Gabriel Constantino

O contencioso na fronteira entre Polônia e Belarus assume uma proeminente dimensão de tensão e instabilidade geopolítica. As tensões bilaterais se acentuaram diante do recrudescimento das hostilidades e das atividades militarizadas ao longo da zona fronteira. Um novo episódio do conflito entre Varsóvia e Minsk teve seu ápice com o envio de tropas pela Polônia à fronteira oriental, no começo deste mês de agosto. A partir do acontecimento, que se fundamenta na retórica inflamada e na crescente militarização da região, busca-se compreender: de que forma esses eventos desafiam a estabilidade geopolítica, suscitando a atenção da comunidade internacional?

O ímpeto dessa decisão foi fomentado por incisivas acusações de transgressões aéreas perpetradas por Belarus, das quais seus helicópteros militares foram apontados como protagonistas. Nessa conjuntura, o Ministério da Defesa da Polônia tomou medidas imediatas ao mobilizar forças e recursos adicionais como resposta. A gravidade do episódio, advinda da rápida

reação polonesa, instaurou um momento de sensível apreensão no Sistema Internacional, levantando questões essenciais sobre a integridade territorial, a segurança da Polônia e a participação da OTAN no Leste Europeu.

A percepção de uma interferência externa desencadeia desafios na gestão da segurança fronteiriça e da soberania nacional. O Presidente russo, Vladimir Putin, emitiu uma advertência incisiva à Polônia, ameaçando considerar qualquer ato de agressão a Belarus como um ataque direto à Rússia. A resposta de Putin elucida uma rede de interdependência entre as nações envolvidas e, ao mesmo tempo, reflete sua assertividade na busca por preservar suas esferas de interesse. Já o Presidente de Belarus, Aleksandr Lukashenko, adota uma postura pragmática, enfatizando a natureza pacífica de seu povo e ressaltando o histórico de conflitos que desejam evitar. No entanto, a ponderação retórica de Lukashenko é acompanhada pela enfatização da capacidade defensiva de seu país e da importância estratégica das armas nucleares. Essa ênfase é indicativa de uma estratégia política de dissuasão,

ao buscar a capacidade de resposta diante de ameaças externas.

A postura dos líderes espelha a busca por interesses nacionais e exerce notável influência nos conflitos regionais. A advertência russa intensifica tensões e complexidades nas relações, enquanto a posição

bielorrussa, oscilando entre paz declarada e preparação defensiva, influencia o balanço de forças na região. Essa interação entre assertividade e precaução molda narrativas geopolíticas, impactando a estabilidade das dinâmicas de poder.



DOI 10.21544/2446-7014.n189.p13.

LESTE ASIÁTICO

Nova fase da cooperação de segurança entre Coreia do Norte e Rússia

Maria Eduarda Parracho

Em 18 de agosto de 2023, os Presidentes dos Estados Unidos, Japão e Coreia do Sul se reuniram em Washington D.C. e estabeleceram acordos visando expandir seus laços de segurança diante das “ameaças” chinesas e norte-coreanas. Tal movimento também pode ser visto como uma resposta à recente aquisição e teste do míssil balístico intercontinental (ICBM, em inglês) *Hwasong-18*, pela Coreia do Norte. Embora os testes estejam cada vez mais frequentes, esse armamento foi considerado emblemático pela possível cooperação técnica junto aos russos. Nesse contexto, quais os impactos da aproximação entre Moscou e Pyongyang para o Leste Asiático?

O *Hwasong-18* conta com a inédita utilização de combustível sólido de foguete, uma tecnologia avançada que permite facilitar a implantação de mísseis em um cenário de guerra com maior eficácia. Para especialistas, esse avanço tecnológico tão repentino do sistema de mísseis de Pyongyang só pode ter sido resultado de uma intervenção externa. A Rússia é considerada como o facilitador mais provável dessa capacitação:

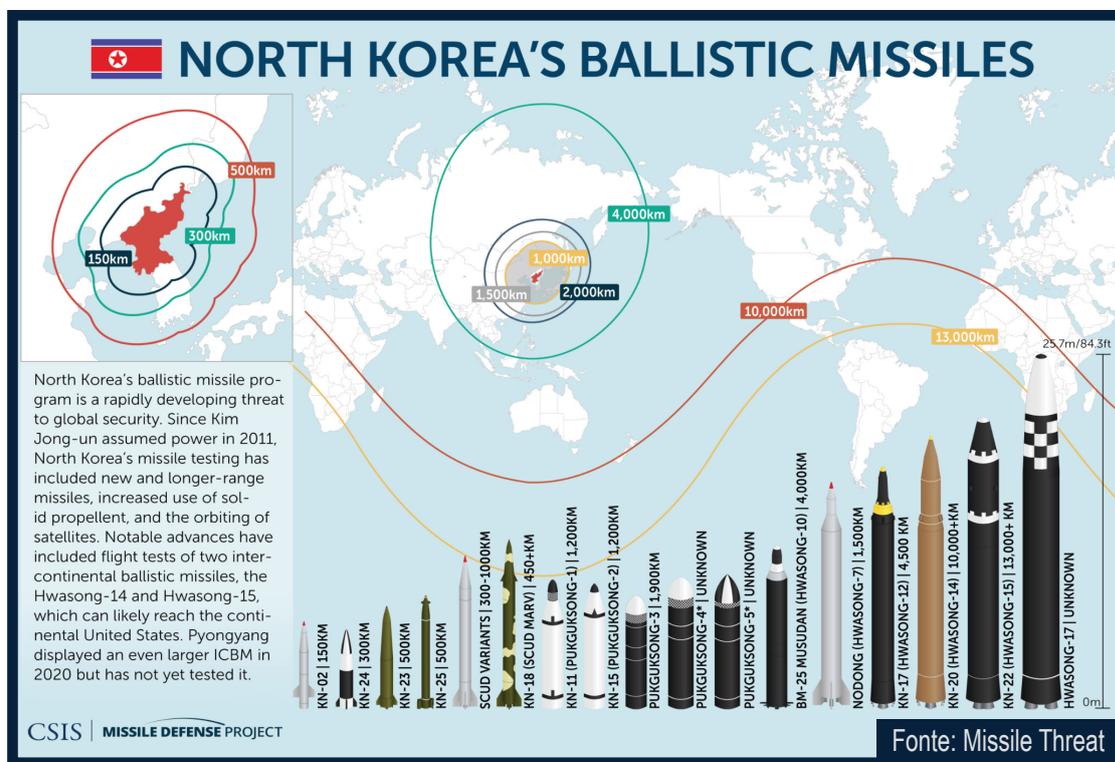
historicamente, o Kremlin compartilha tecnologia militar em alto grau com o país asiático; além disso, as sanções internacionais aplicadas a Moscou aumentam as similaridades entre as nações. Assim, em julho uma delegação do Ministério da Defesa russo visitou Pyongyang em meio aos apelos de Putin por uma cooperação mais consolidada no setor, despertando boatos de uma possível ajuda militar norte-coreana no conflito russo-ucraniano.

Os impactos dessa aproximação para o Leste Asiático são diversos. Aos norte-coreanos, são relativamente positivos, considerando-se que os avanços tecnológicos nos projetos nacionais da magnitude dos ICBMs garantem a manutenção de seu sistema político em um contexto de intensificação das sanções das Nações Unidas e dos escândalos envolvendo a gestão da pandemia de COVID-19. Aos países vizinhos, mais especificamente Coreia do Sul e Japão, os impactos são extremamente negativos, tanto pelo quadro histórico de conflitos bilaterais quanto pelo receio de um ataque direto em seus territórios. Essa constante ameaça

promove uma militarização e demanda apoio de seus aliados em comum, como os Estados Unidos. Ao mesmo tempo, as constantes ações e presença externas não são bem recebidas por Pyongyang, que intensifica sua busca por armamentos como os ICBMs.

Percebe-se, portanto, que a reaproximação entre a Coreia do Norte e a Rússia é vista como uma ameaça aos

países do Leste Asiático, promovendo maior instabilidade em suas relações devido à crescente militarização da região. Tal movimento armamentista é também reflexo da presença militar do Ocidente que, ao invés de negociar pelo fim do desenvolvimento e dos testes de ICBMs norte-coreanos, acaba intensificando-os e tornando-os mais dissuasórios.



DOI 10.21544/2446-7014.n189.p14.

SUL DA ÁSIA

Hidropolítica e a guerra pela água no sul da Ásia

Além de ser um expoente do poder militar e político no atual contexto internacional, a China também se tornou um polo de poder no que se refere às questões hídricas. O país possui mais de 80.000 represas e cinco das onze maiores hidrelétricas do mundo. Segundo a *International Commission on Large Dams*, a China ocupa a primeira posição no ranking de reservas hídricas por país, com 45%, seguida dos Estados Unidos (14%), Índia (9%) e Japão (6%). Em 2021, o Congresso Nacional do Povo aprovou a construção de um megaprojeto de hidrelétrica, com capacidade de 60 gigawatts, que pode gerar três vezes mais energia do que a de Três Gargantas, a maior usina hidrelétrica do mundo, também localizada na China. Nesse sentido, quais as possíveis implicações dessa nova instalação aos interesses hídricos indianos?

O chamado megaprojeto está situado ao longo do Rio Brahmaputra, que tem origem no Tibete e percorre cerca de 3.000km até desembocar na Índia. Além de ser o maior rio do mundo em altitude, possui as

maiores reservas de águas inexploradas no continente. Entretanto, é possível pontuar dois grandes problemas decorrentes desse projeto. O primeiro deles diz respeito à geografia física da região: a origem do rio, no Tibete, é sismicamente ativa e altamente propensa a terremotos devido à proximidade entre as placas tectônicas da Índia e da Eurásia, que colidem. Tal cenário ameaça os países localizados a jusante do Rio Brahmaputra, como Índia e Bangladesh, dado que, tanto na fase de construção da hidrelétrica quanto após iniciar seu funcionamento, um possível terremoto pode causar graves danos a esses países.

O segundo cenário é geopolítico: Pequim e Nova Délhi são rivais históricos e, atualmente, a hidropolítica é um dos pontos mais sensíveis. Nesse contexto, a construção de infraestruturas hídricas simboliza ameaça e controle territorial. Geograficamente, a Índia está situada a jusante do rio, o que a torna naturalmente dependente das ações chinesas a montante. Esta condição natural

Rebeca Leite

promove insegurança à medida que a China utiliza da situação para barganhar e ameaçar os indianos, uma vez que possui estrutura necessária para, em um cenário de elevada tensão, interromper o fluxo de água para a Índia.

Nota-se que a guerra hídrica pode ser travada sem a utilização de armas convencionais, mas por meio

de infraestruturas presentes nos rios internacionais. A Índia possui 1,4 bilhão de habitantes e uma economia substancialmente dependente da água para movimentar a agricultura. Assim, são evidentes as implicações estratégicas que decorrem de uma “simples” hidrelétrica.

DOI 10.21544/2446-7014.n189.p14-15.

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Hanói estreita laços com Nova Déli ao receber corveta

A Marinha do Vietnã iniciou este mês de agosto com mais uma corveta em sua Esquadra. A embarcação da classe *Khukri* foi doada pela Marinha indiana, e o navio, construído nacionalmente, foi comissionado na década de 1990, sendo entregue a Hanói no final de julho, com plena capacidade de operação. O movimento indica a busca de Nova Déli por um estreitamento de laços estratégicos com o país do sudeste asiático. A ação parece lógica dentro da busca indiana de se projetar na Ásia, principalmente em função da presença chinesa no Índico, contudo as vantagens para o Vietnã ainda se mostram um pouco turvas devido à sua política dos “quatro nãos”: não ter alianças, não tomar lados em disputas, não permitir bases militares estrangeiras e não usar a força (a não ser que seja ameaçado).

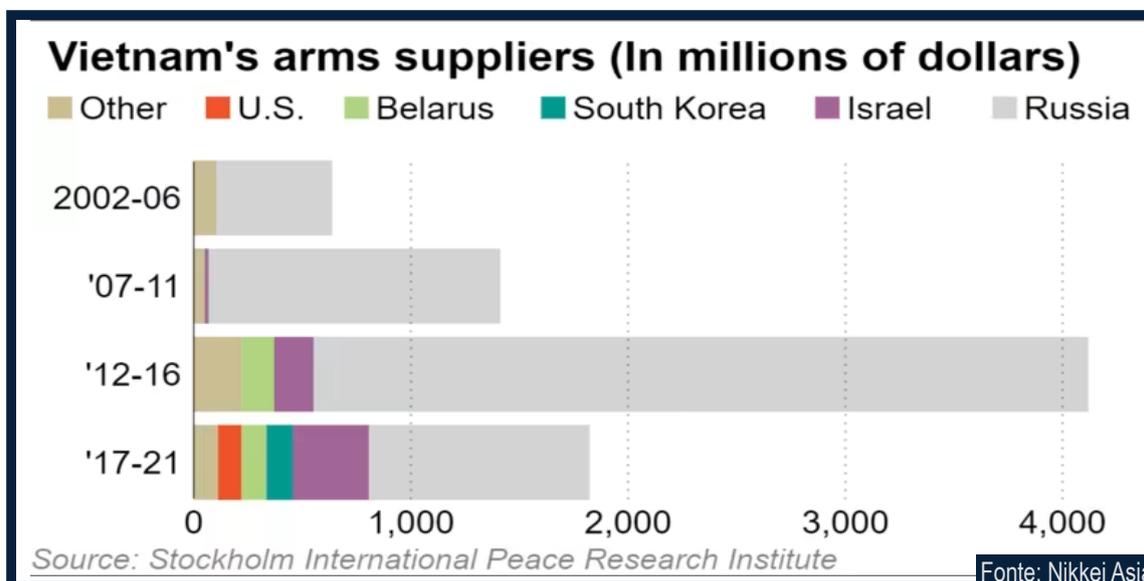
Mesmo após 48 anos do fim da guerra do Vietnã e da reunificação do país, Hanói continua utilizando armamentos do período. No caso de sua Marinha, parte da Esquadra é composta por embarcações construídas pela antiga União Soviética, como a corveta *OSA-II* e a fragata *Petya*. Nos anos 1990, o país iniciou uma série de projetos visando construir uma esquadra forte para defender a sua costa e, por extensão, as reivindicações nas ilhas Spratly e Paracel. Desde então, mais de quinze

embarcações de guerra foram lançadas ao mar, todas oriundas de acordos com a Rússia.

Em 2022 foram entregues cinco dos doze navios-patrolha encomendados em um acordo que contou com o fornecimento de uma linha de crédito de US\$ 100 milhões pela Índia para sua produção. Assim como o país do sudeste asiático, a Índia operou embarcações soviéticas e alguns de seus equipamentos são compatíveis com o aparato do período, tal como a corveta doada. Maior flexibilidade de pagamentos, semelhanças operacionais e aparelhos de boa capacidade são fatores que poderiam tornar a Índia uma nova fornecedora para o Vietnã.

O aumento do leque de fornecedores seria benéfico na medida em que Hanói poderia não só obter maior quantidade de equipamentos a ser considerados para suas necessidades, mas também em razão de diminuir a sua dependência. Situações como embargos à Rússia, ou mesmo uma abrupta reestruturação da indústria russa para suprir necessidades nacionais, como em um conflito, poderiam comprometer projetos vietnamitas. Assim, um país asiático e relativamente estável como a Índia se mostra um bom candidato para o fornecimento de armamentos.

Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira



DOI 10.21544/2446-7014.n189.p15.

Operação Ártico I: em direção ao Tratado de Svalbard?

Jayanne Balbino Soares

Em julho de 2023, ocorreu a Primeira Expedição Científica do Brasil ao Ártico, denominada Operação Ártico I. Apesar de receber pouca atenção brasileira, a região está despertando um crescente interesse internacional, impulsionado pelas mudanças climáticas e oportunidades econômicas. Nesse contexto, o presente artigo visa analisar a relevância do Ártico e as possibilidades de uma maior projeção do Brasil para o extremo Norte.

A Operação Ártico I pode ser considerada o início do protagonismo brasileiro na região. O país já possui um notável histórico polar, com atuação na Antártica desde 1983, o que contribuiu para sua sólida reputação em relação à preocupação com questões ambientais e polares. Ao norte, a localização estratégica da Região Ártica desencadeia aspectos de grande relevância econômica e ambiental, com o degelo apresentando desafios adicionais. Ao adentrar o Ártico, o Brasil terá a oportunidade de realizar pesquisas científicas que visam compreender os impactos ambientais, abrangendo não apenas o território nacional, mas toda a América do Sul. A abertura de novas rotas marítimas representa um evento capaz de impactar a relevância de certas vias de interesse direto ao país, a exemplo da Rota do Cabo e daquela que perpassa o Canal do Panamá. Nesse contexto, evidencia-se que o degelo no Ártico pode influenciar toda a dinâmica internacional, levando as nações a reavaliar

seus interesses e prioridades — o Brasil não será uma exceção nesse processo.

Diante disso, é relevante que o país se engaje e participe ativamente das discussões sobre o Ártico, levando em conta sua notoriedade global. Inclusive, a presença de nossos pesquisadores na região associada à possível adesão brasileira ao Tratado de Svalbard são positivas. Sendo um tratado multilateral, ele reconhece a soberania norueguesa sobre o arquipélago; no entanto, garante que os países signatários tenham acesso a recursos naturais da região. Ao aderir ao Tratado, Brasília poderá fortalecer sua participação no Ártico, assim como abrir portas para futuras oportunidades de cooperação científica e ambiental, além de aumentar sua presença diplomática em questões árticas.

Portanto, é evidente que as mudanças climáticas desempenham um papel significativo no aumento da importância das questões do Ártico, dado que o Conselho do Ártico aborda não apenas temas polares, mas também questões marítimas. O Brasil, como um protagonista nesses temas, deve participar ativamente e contribuir com as temáticas envolvendo a região e seus desafios. Desse modo, será possível ao Brasil expandir suas ações para o Norte e buscar tornar-se membro observador do Conselho do Ártico, aumentando sua influência internacional.

DOI 10.21544/2446-7014.n189.p16.

- ▶ [The Growing Sahel Crisis](#)
PROJECT SYNDICATE, Carl Bildt
- ▶ [How Saudi Arabia Bent China to Its Technoscientific Ambitions](#)
CARNEGIE, Mohammed Al-Sudairi, Steven Jiawei e Kameal Alahmad
- ▶ [How Can NATO Overcome Russia’s Black Sea Blockade?](#)
RUSI, Dr Sidharth Kaushal
- ▶ [Can a “Suez Moment” Happen for America in Haiti?](#)
THE NATIONAL INTEREST, Max Morton
- ▶ [Japan’s Military Is Getting Ready to Take on a Rising China](#)
1945, James Holmes

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Maria Fernanda Császár e Taynah Pires

AGOSTO

Principais eventos de 24 a 31 de Agosto

26



GABÃO
ELEIÇÕES GERAIS

27



**SÃO TOMÉ
E PRÍNCIPE**
CONFERÊNCIA DE CHEFES DE
ESTADO E DE GOVERNO DA
CPLP

28-30



CHINA
REUNIÃO ANUAL PARA
COOPERAÇÃO INTERNACIONAL
EM MEIO AMBIENTE E
DESENVOLVIMENTO

30-01



COREIA DO SUL
8º FÓRUM DE ADAPTAÇÃO ÀS
MUDANÇAS CLIMÁTICAS DA
ÁSIA-PACÍFICO

SETEMBRO

Principais eventos de 01 a 14 de Setembro

01



SINGAPURA
ELEIÇÕES GERAIS

02-07



INDONÉSIA
43ª CÚPULA DE LÍDERES
DS ASEAN

09-10



ÍNDIA
CÚPULA DE LÍDERES
DO G20

10-13



RÚSSIA
FÓRUM ECONÔMICO DO
LESTE

REFERÊNCIAS

- **Incerteza petrolífera no Equador: uma perspectiva sem vencedores**
GEIGER, Julianne. [Future of Ecuadorian Oil At Stake As Country Votes For New President](#). *Oil Price*, 20 jun. 2023. Acesso em: 01 ago. 2023.
KOENIG, Kevin. [Um referendo popular pode interromper as perfurações no Parque Nacional Yasuní, no Equador](#). *Amazon Watch*, 12 out. 2022. Acesso em: 01 ago. 2023.
 - **O Dilema de Segurança do Haiti**
FORD, Alessandro. [Kenya's Police Are No Match for Haiti's Urban Warfare Nightmare](#). *World Politics Review*, 11 ago. 2023. Acesso em: 16 ago. 2023.
[Secuestros se reducen en Haití pero crece piratería marítima](#). *DW*, 19 jul. 2023. Acesso em: 16 ago. 2023.
 - **A internalização e o crescimento do Togo no setor marítimo**
EDOHO, Esaie. [Togo explores opportunities with Commonwealth in the maritime sector](#). *Togo First*, 24 jul. 2023. Acesso em: 04 ago. 2023.
DOSSAVI, Ayi Renaud. [Port Activity and Economic Growth in Togo are Strongly Correlated](#). *Togo First*, 08 jun. 2023. Acesso em: 04 ago. 2023.
 - **Crise na Bacia do Lago Chade e terrorismo ambiental**
HEIN, Mathias Von. [Mudança climática também gera terreno fértil para o terror](#). *DW*, 16 fev. 2018. Acesso em: 19 ago. 2023.
NETT, Katharina; RUTTINGER, Lukas. [Insurgency, Terrorism and Organised Crime in a Warming Climate](#). *Adelphi*, 2016. Acesso em: 17 jul. 2023.
 - **O processo de adesão da Macedônia do Norte à União Europeia**
SWATON, Chiara. [Austria, Slovakia, Czech Republic push for North Macedonia EU accession](#). *Euractiv*, 12 jul. 2023. Acesso em: 20 jul. 2023.
DIMESKA, Frosina. [The Bulgaria-North Macedonia Constitution Issue: How it Evolved](#). *Balkan Insight*, 19 jul. 2023. Acesso em: 20 jul. 2023.
 - **Londres mais ao norte: o Reino Unido como ator principal da defesa no Báltico?**
[Joint Statement by the Defence Ministers of the United Kingdom and Estonia](#). *GOV.UK*, 12 jul. 2023. Acesso em: 04 ago. 2023.
[UK presence in the Baltic region constitute a significant deterrent, says Minister A. Anušauskas](#). *Ministry of National Defence Republic of Lithuania*, 17 jan. 2023. Acesso em: 04 ago. 2023.
 - **Irã realiza exercícios militares após Estados Unidos aumentarem presença no Golfo**
[Iran's IRGC naval wargame kicks off in Persian Gulf](#). *Islamic Republic News Agency*, 02 ago. 2023. Acesso em: 02 ago. 2023.
KARIMI, Nasser; GAMBRELL, Jon. [Iran's Revolutionary Guard runs drill on disputed islands as US military presence in region grows](#). *The Associated Press*, 02 ago. 2023. Acesso em: 02 ago. 2023.
 - **Os limites da presença chinesa na Ásia Central: o caso do Tadjiquistão**
STANDISH, Reid. [New Chinese 'Super' Observation Station In Tajikistan -- Near Afghan, Uzbek Borders -- Said To Be For Climate, Technological Uses](#). *Radio Free Europe - Radio Liberty*, 29 jun. 2023. Acesso em: 04 ago. 2023.
[China Debt: A Problem for Tajikistan](#). *CPEC Wire*, 22 jul. 2022. Acesso em: 04 ago. 2023.
 - **O conflito na fronteira Belarus-Polônia e os desafios à estabilidade regional**
[Warsaw Sends Troops to Border, Accusing Belarus of Violating its Airspace](#). *The Guardian*, 01 ago. 2023. Acesso em: 03 ago. 2023.
[Poland Sends Troops to Border Accusing Belarus of Violating Airspace](#). *AMP*, 02 ago. 2023. Acesso em: 03 ago. 2023.
 - **Nova fase da cooperação de segurança entre Coreia do Norte e Rússia**
CHAO-FONG, Léonine. [US 'concerned' over reports of Russia-North Korea nuclear cooperation](#). *The Guardian*, 18 ago. 2023. Acesso em: 18 ago. 2023.
SMITH, Josh; HUNNICUTT, Trevor; BRUNNSTROM, David. [Latest North Korean missile sparks debate over possible Russian links](#). *Reuters*, 18 ago. 2023. Acesso em: 18 ago. 2023.
 - **Hidropolítica e a guerra pela água no sul da Ásia**
SINGH, Ameya; TEMBEY, Urvi. [India-China relations and the geopolitics of water](#). *Lowy Institute*, 23 jul. 2020. Acesso em: 16 ago. 2023.
[Number of Dams by Country Members](#). *International Commission on Large Dams*, 2023. Acesso em: 16 ago. 2023.
 - **Hanói estreita laços com Nova Déli ao receber corveta**
MENON, Adithya Krishna. [India's Missile Corvette Arrives in Vietnam prior to Handover - Naval News](#). *Navla News*, 12 jul. 2023. Acesso em: 04 ago. 2023.
DUTTA, Amrita Nayak. [In latest move towards growing ties, India hands over missile corvette INS Kirpan to Vietnam](#). *Indian Express*, 24 jul. 2023. Acesso em: 04 ago. 2023.
 - **Operação Ártico I: em direção ao Tratado de Svalbard?**
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. [Primeira expedição oficial do Brasil ao Ártico reforça alerta sobre mudanças climáticas](#). *Universidade Federal de Minas Gerais*, 31 jul. 2023. Acesso em: 31 jul. 2023.
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. [O Brasil rumo ao Ártico](#). *Universidade de Brasília*, 07 mai. 2023. Acesso em: 31 jul. 2023.
- O mapa inicial (pág 04) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

MAPA DE RISCO

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência na economia brasileira e o impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Os parâmetros para categorização dos riscos seguem os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, relevância dos atores envolvidos, repercussão internacional, impacto regional e a possibilidade da escalada de tensões. Após a seleção

dos fenômenos, estes podem ser categorizados em alto risco (vermelho), quando avalia-se grande instabilidade social, política, militar ou econômica; e também, em médio risco (laranja), para principais situações de agravamento de riscos observados. Os países em cinza representam conflitos monitorados; caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Luísa Barbosa

► ALTO RISCO:

- ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Conflito em Nagorno-Karabakh: [Armenia, Azerbaijan clash over plight of people in Nagorno-Karabakh](#). **Al Jazeera**, 17 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- BURKINA FASO - Crise sociopolítica: [Five Burkina Faso Police Officers, 40 ‘Terrorists’ Die in Clashes](#). **The Defense Post**, 21 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- EQUADOR - Crise sociopolítica: [Resultados de las elecciones en Ecuador: la correísta Luisa González se enfrentará al empresario Daniel Noboa en la segunda vuelta](#). **El País**, 20 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- HAITI - Conflitos internos: [Kenya deploys reconnaissance mission to Haiti](#). **Africanews**, 21 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- IÊMEN - Crise estrutural e regional: [Hundreds of migrants killed by Saudi border guards - report](#). **BBC News**, 21 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- LÍBANO - Crise estrutural: [Lebanon inflation soared in July as term of central bank governor ends](#). **The National News**, 21 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- MALI - Crise sociopolítica: [23 People Killed, 12 Wounded in Central Mali Attack](#). **VOA News**, 20 ago. 2023. Acesso em: 20 ago. 2023.
- MIANMAR - Conflitos internos: [U.N. humanitarian chief appeals to Myanmar generals for greater aid access](#). **The Times of India**, 21 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- NÍGER - Golpe de Estado: [West African bloc says it is ready for military intervention in Niger if order given](#). **France 24**, 21 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito militar: [Russia loses 27 military equipment pieces, 6 ammo depots in Ukraine’s south: Kyiv](#). **Alarabiya News**, 20 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- SÍRIA - Crise regional: [Syria: Eight fighters killed by Russian strikes on a rebel zone, says NGO](#). **Euronews**, 21 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- SOMÁLIA - Crise estrutural: [U.S. Airstrike Kills Five Al-Shabaab Terrorists](#). **Homeland Security Today**, 21 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- SUDÃO - Conflito interno: [Kenya, South Sudan hold talks on easing Sudan's conflict](#). **Sudan Tribune**, 20 ago. 2023. Acesso em: 20 ago. 2023.

► MÉDIO RISCO:

- BELARUS - Crise regional: [NATO must respond to Russia’s provocations in Belarus](#). **Atlantic Council**, 17 ago. 2023. Acesso: 21 ago. 2023.
- ETIÓPIA - Crises internas: [Ethiopia seeks help to fund \\$20bn post-conflict reconstruction](#). **ZAWYA**, 21 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.

- PERU - Crise sociopolítica: [Cada vez más grave crisis de impopular Parlamento de Perú](#). **Prensa Latina**, 17 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO - Crise regional: [Six children killed in fire at DR Congo camp for mudslide victims](#). **Al Jazeera**, 20 ago. 2023. Acesso em: 20 ago. 2023.
- VENEZUELA - Crise estrutural: [Venezuela Bond Sanctions Backfiring?](#). **Forbes**, 17 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- ▶ EM MONITORAMENTO:
- COREIA DO NORTE - Crise regional: [North Korea: Kim Jong Un surveys cruise missile tests](#). **DW**, 21 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- EL SALVADOR - Instabilidade sociopolítica: [Método Bukele é promessa em campanhas no Equador e Guatemala, mas dificilmente será posto em prática](#). **O Globo**, 17 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- GUATEMALA - Instabilidade política: [El progresista Bernardo Arévalo gana las elecciones en Guatemala](#). **El País**, 20 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- ÍNDIA - Instabilidade social: [Manipur violence: BSF personnel to be deployed in village where 3 people were killed](#). **The Times of India**, 20 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2024.
- IRÃ - Instabilidade regional: [Iran Says Release Of US Prisoners Will Take Up To Two Months](#). **Iran International**, 21 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- ISRAEL - Crise regional: [How Israel targets Palestinian first responders in occupied West Bank](#). **Al Jazeera**, 20 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- LÍBIA - Instabilidade sociopolítica: [Libya's central bank announces reunification after nearly a decade of division due to civil war](#). **Arab News**, 20 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- MAR DO SUL DA CHINA - Disputas regionais: [Satellite images reveal China building airbase on disputed South China Sea island](#). **WION**, 16 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- MOÇAMBIQUE - Instabilidade entre governo e forças insurgentes: [Mozambique: Cabo Delgado, Nampula & Niassa Humanitarian Snapshot - July 2023](#). **ReliefWeb**, 21 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- NIGÉRIA - Crises internas: [Nigeria's Tinubu swears in 45 ministers amid concerns over growth, insecurity](#). **Reuters**, 21 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- PAQUISTÃO - Crise sociopolítica: [Pakistan in constitutional crisis as laws unsigned by president cleared by government](#). **Independent**, 21 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA - Instabilidade social: [Central African Republic Humanitarian Dashboard \(January - June 2023\)](#). **ReliefWeb**, 18 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- SELVA DE DARIÉN - Crise migratória: [EEUU intenta parar la migración en el Darién, que rompió récord de cruces ilegales](#). **El Nuevo Herald**, 18 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.
- TAIWAN - Tensões China-EUA: [China launches military drills around Taiwan after vice-president's US stopover](#). **Financial Times**, 19 ago. 2023. Acesso em: 21 ago. 2023.